

Para analistas, 96 será ano de dificuldades

DENISE NEUMANN

As medidas de alívio ao crédito adotadas pelo governo nesta semana foram insuficientes para fazer consultores e economistas revisarem suas previsões para a economia em 1996. As previsões mais pessimistas apontam para uma variação do Produto Interno

Bruto (PIB) de apenas 1,7% no próximo ano. Os mais otimistas dizem que o conjunto da economia do País pode crescer até 2,8% em 1996. Queda da safra agrícola, crescimento do desemprego e baixo nível de produção industrial no primeiro trimestre serão as principais causas do baixo desempenho da economia nos próximos 12 meses.

Apesar do quadro ruim, 1996 será melhor do que 1995 porque fará o caminho inverso: começa fraco e com dados negativos e se recupera ao longo do ano, diz o economista Flávio Nolasco, sócio da MA Consul-

tores Econômicos. Na sua previsão, a mais pessimista, o PIB vai crescer cerca de 1,7% em 1996. No primeiro trimestre a queda pode chegar a 7% porque o resultado será comparado ao excelente desempenho de igual período de 1995, quando o PIB cresceu 10,5%, segundo o IBGE.

Nolasco avalia que o desemprego está funcionando como variável de equilíbrio da economia e a taxa de crescimento projetada é insuficiente para reduzir esse problema e permitir maior absorção de mão-de-obra. O diretor da Rosenberg & Associados, José Augusto Savasini, também

vê aumento do desemprego e da inadimplência como marcas do primeiro trimestre.

"O consumidor, vendo o crescimento do número de demitidos, vai se retrair e evitar endividamentos", diz ele, projetando uma nova onda de retenção do consumo no início do próximo ano. Ele prevê PIB de 2%, no máximo, em 96.

O fim do compulsório sobre operações de crédito, a partir de janeiro, vai injetar na economia mais R\$ 1,5 bilhão, segundo o chefe do departamento econômico do Lloyds Bank, Odair Abate.